v7.n11.2026

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E IMPACTOS EMOCIONAIS NA DINÂMICA CONJUGAL: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SISTÊMICA DA FAMÍLIA

CONTEMPORARY CHALLENGES AND EMOTIONAL IMPACTS ON COUPLE DYNAMICS: CONTRIBUTIONS FROM FAMILY SYSTEMS PSYCHOLOGY

DESAFÍOS CONTEMPORÁNEOS E IMPACTOS EMOCIONALES EN LA DINÁMICA CONYUGAL: CONTRIBUCIONES DE LA PSICOLOGÍA SISTÉMICA FAMILIAR

Beatriz dos Santos Barbosa Silva[1], Bruno dos Santos Barbosa[2], Francesca Aimée Oda da Silva[3]

e7119425
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i11.9425

PUBLICADO: 11/2026

RESUMO

Este estudo analisa os desafios contemporâneos e os impactos emocionais presentes na dinâmica conjugal a partir das contribuições da Psicologia Sistêmica da Família. Considerando as transformações sociais e relacionais que caracterizam a contemporaneidade, busca-se compreender fatores como comunicação conjugal, intimidade emocional, sexualidade e espiritualidade na construção e manutenção do vínculo conjugal. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa com abordagem bibliográfica, fundamentada em autores da psicologia da família e da abordagem sistêmica, dialogando também com artigos científicos e obras que investigam a conjugalidade e os processos relacionais presentes na vida a dois. A articulação dessas perspectivas permite ampliar a compreensão dos fatores emocionais e relacionais que influenciam a dinâmica conjugal na contemporaneidade. Os resultados indicam que a qualidade das interações conjugais, especialmente no que se refere à comunicação conjugal, à espiritualidade, à construção da intimidade emocional e à sexualidade, constitui fator relevante para o equilíbrio do sistema familiar. Conclui-se que a perspectiva sistêmica possibilita uma compreensão ampliada da conjugalidade, evidenciando que os processos relacionais e afetivos exercem papel fundamental na manutenção da saúde emocional do casal e na estabilidade das relações.

PALAVRAS-CHAVE: Conjugalidade. Impactos emocionais. Psicologia Sistêmica Familiar.

ABSTRACT

This study analyzes contemporary challenges and emotional impacts on couple dynamics based on the contributions of Family Systems Psychology. Considering the social, cultural, and technological transformations that characterize contemporary society, it seeks to understand factors such as marital communication, emotional intimacy, sexuality, spirituality, and technological influences in the construction and maintenance of the conjugal bond. This is a qualitative bibliographic study based on authors in Family Psychology and the systemic approach, also drawing on scientific articles and books that investigate conjugality and relational processes in couples' lives. The integration of these perspectives broadens the understanding of the emotional, relational, and contextual factors that shape contemporary couple dynamics. The literature analysis indicates that communication, spirituality, emotional intimacy, sexuality, and social and technological transformations play a role in the construction and maintenance of conjugal bonds. It is concluded that the systemic perspective provides a broader understanding of conjugality by considering the influence of relational, affective, and contextual processes on couple dynamics.

[1] Graduanda em Psicologia pela Faculdade Metropolitana de Manaus – Fametro – Polo Parintins-AM, Brasil.
[2] Graduando em Psicologia pela Faculdade Metropolitana de Manaus – Fametro – Polo Parintins-AM, Brasil.
[3] Especialista em Psicologia Forense e Jurídica - Professora da Fametro – Polo Parintins-AM, Brasil.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

KEYWORDS: *Conjugality. Emotional impacts. Family Systems Psychology.*

RESUMEN
Este estudio analiza los desafíos contemporáneos y los impactos emocionales presentes en la dinámica conyugal a partir de las contribuciones de la Psicología Sistémica Familiar. Considerando las transformaciones sociales, culturales y tecnológicas que caracterizan la contemporaneidad, busca comprender factores como la comunicación conyugal, la intimidad emocional, la sexualidad, la espiritualidad y las influencias tecnológicas en la construcción y el mantenimiento del vínculo conyugal. Se trata de una investigación cualitativa de carácter bibliográfico, fundamentada en autores de la Psicología Familiar y del enfoque sistémico, y que también dialoga con artículos científicos y obras que investigan la conyugalidad y los procesos relacionales presentes en la vida en pareja. La articulación de estas perspectivas permite ampliar la comprensión de los factores emocionales, relacionales y contextuales que atraviesan la dinámica conyugal contemporánea. El análisis de la literatura señala que aspectos como la comunicación, la espiritualidad, la intimidad emocional, la sexualidad y las transformaciones sociales y tecnológicas participan en la construcción y el mantenimiento de los vínculos conyugales. Se concluye que la perspectiva sistémica posibilita una comprensión más amplia de la conyugalidad, considerando la influencia de los procesos relacionales, afectivos y contextuales en la dinámica de la pareja.

PALABRAS CLAVE: *Conyugalidad. Impactos emocionales. Psicología Sistémica Familiar.*

INTRODUÇÃO

A conjugalidade contemporânea tem sido marcada por transformações sociais, culturais e tecnológicas que modificaram as formas de estabelecer e vivenciar os vínculos afetivos. Nesse contexto, os casais enfrentam desafios relacionados à comunicação, aos conflitos, à intimidade emocional, à sexualidade, à espiritualidade, às expectativas individuais e às experiências provenientes das famílias de origem.

A Psicologia Sistêmica Familiar contribui para compreender a relação conjugal como um sistema de interações, no qual os comportamentos de cada parceiro influenciam e são influenciados pelo outro. Nessa perspectiva, os conflitos não devem ser analisados exclusivamente a partir de características individuais, mas também considerando os padrões relacionais, os vínculos familiares e o contexto sociocultural em que o casal está inserido (SANCHEZ, 2012; MINUCHIN, 1974; BOWEN, 1978).

Este estudo delimita-se à articulação entre dimensões relacionais e contextuais da conjugalidade — comunicação, intimidade emocional, sexualidade, espiritualidade e transformações sociais e tecnológicas — examinadas à luz da Psicologia Sistêmica Familiar. Essas dimensões são compreendidas como aspectos interdependentes da experiência conjugal, uma vez que se relacionam aos padrões de interação, às experiências emocionais, às histórias familiares e às condições contextuais que atravessam a vida a dois. A proposta não é

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

atribuir a essas dimensões efeitos universais, mas discutir como aparecem na literatura e como podem ser compreendidas considerando a singularidade dos casais e seus contextos.

Diante disso, o problema que orienta este estudo é: de que maneira os desafios contemporâneos atravessam a dinâmica conjugal e quais contribuições da Psicologia Sistêmica Familiar favorecem sua compreensão?

O objetivo geral é analisar os desafios presentes na conjugalidade contemporânea e discutir as contribuições da Psicologia Sistêmica Familiar para sua compreensão. Como objetivos específicos, busca-se: compreender os fundamentos da perspectiva sistêmica aplicados à dinâmica conjugal; identificar desafios contemporâneos que repercutem nas relações conjugais; analisar a influência da comunicação e da intimidade emocional; discutir a participação da sexualidade e da espiritualidade na construção e na manutenção do vínculo conjugal, e discutir a influência das transformações sociais e tecnológicas na dinâmica conjugal contemporânea.

A realização deste estudo justifica-se pela importância de compreender as relações conjugais para além de explicações centradas exclusivamente no indivíduo. A vida conjugal envolve experiências emocionais, padrões de comunicação, histórias familiares, expectativas sociais e processos de adaptação às transformações da sociedade contemporânea. Embora essas dimensões sejam abordadas em diferentes discussões sobre conjugalidade, torna-se relevante reuni-las e examiná-las de maneira articulada sob uma perspectiva relacional e contextual. Assim, a contribuição pretendida consiste em oferecer uma síntese interpretativa dessas dimensões, considerando os fundamentos da Psicologia Sistêmica Familiar, sem pressupor que todas as relações conjugais apresentem os mesmos desafios ou resultados.

Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e descritivo-analítica. O material examinado é composto por obras teóricas e produções acadêmicas previamente reunidas sobre conjugalidade e Psicologia Sistêmica Familiar, incluindo artigos científicos identificados em fontes acadêmicas. A seleção não seguiu protocolo sistemático de busca, triagem e contagem de documentos. Dessa forma, o trabalho desenvolve uma análise interpretativa da literatura consultada, cujos procedimentos e limites são apresentados na seção metodológica.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Conjugalidade sob a perspectiva sistêmica

A compreensão da conjugalidade sob a perspectiva sistêmica parte do princípio de que a relação entre os parceiros não pode ser analisada de maneira isolada das relações familiares e do contexto sociocultural. A família é compreendida como um sistema constituído por elementos interdependentes, no qual as mudanças ocorridas em uma parte repercutem nas demais. Dessa forma, a relação conjugal constitui um espaço de interação no qual os parceiros constroem padrões próprios de funcionamento.

Sanchez (2012) compreende a família, na perspectiva sistêmica, como uma rede complexa de relações caracterizada pela interdependência entre seus membros. Essa concepção desloca a atenção de explicações lineares para uma compreensão circular dos fenômenos relacionais, considerando que os comportamentos de cada membro influenciam e são influenciados pelas respostas dos demais.

Minuchin (1974) contribui para essa compreensão ao apresentar a família como um sistema organizado em subsistemas, fronteiras e padrões de interação. O casal constitui um subsistema conjugal que possui funções e características próprias, sendo necessário estabelecer fronteiras que possibilitem a proximidade entre os parceiros sem eliminar sua individualidade. A qualidade dessas fronteiras pode influenciar a organização das relações familiares e a maneira como o casal responde às demandas internas e externas.

A conjugalidade também é atravessada pela história familiar dos parceiros. As experiências construídas nas famílias de origem podem participar da formação de crenças, expectativas, valores e padrões relacionais que posteriormente aparecem na vida conjugal. Nesse sentido, a relação de casal não representa apenas o encontro entre duas pessoas, mas também a aproximação de histórias familiares distintas, que precisam ser reorganizadas na construção de uma nova unidade relacional (BITTENCOURT et al., 2016).

A perspectiva de Bowen (1978) amplia essa discussão por meio do conceito de diferenciação do self. A diferenciação envolve a capacidade de preservar a própria identidade emocional ao mesmo tempo em que se mantém a capacidade de estabelecer vínculos significativos. Na relação conjugal, dificuldades nesse processo podem favorecer padrões de dependência, afastamento ou intensificação dos conflitos, enquanto maior diferenciação possibilita maior equilíbrio entre autonomia e proximidade.

Outro conceito central na teoria boweniana é a triangulação. Diante de níveis elevados de tensão emocional, a participação de uma terceira pessoa pode contribuir temporariamente

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

para a redução dessa tensão, tornando-se, entretanto, parte de padrões relacionais que podem se repetir ao longo do tempo (BOWEN, 1978). Na dinâmica familiar, esses processos podem envolver filhos, familiares ou outras pessoas significativas e repercutir na relação conjugal.

Embora Minuchin (1974) e Bowen (1978) compartilhem a compreensão da família como um sistema de relações interdependentes, suas formulações apresentam ênfases distintas e complementares para a compreensão da dinâmica conjugal. A perspectiva estrutural de Minuchin concentra-se na organização do sistema familiar, considerando os subsistemas, as fronteiras e os padrões de interação que regulam as relações entre seus membros. Nessa abordagem, o casal constitui um subsistema conjugal cuja organização e funcionamento dependem da definição de papéis, da qualidade das fronteiras e da capacidade de estabelecer relações equilibradas com os demais subsistemas familiares.

Bowen, por sua vez, amplia a compreensão da dinâmica familiar ao enfatizar os processos emocionais que atravessam diferentes gerações. Sua teoria destaca a diferenciação do self, compreendida como a capacidade de preservar a individualidade e a autorregulação emocional sem romper os vínculos de pertencimento. Conforme discutem Otto e Ribeiro (2020), essa diferenciação está relacionada ao equilíbrio entre as forças de pertencimento e individuação, sendo fundamental para compreender a maneira como os indivíduos estabelecem e mantêm suas relações interpessoais. Na conjugalidade, esse processo permite analisar como a intensidade da fusão emocional, a ansiedade e os padrões familiares anteriores podem influenciar a relação entre os parceiros.

As duas perspectivas oferecem contribuições relevantes, embora partam de focos analíticos diferentes. Enquanto Minuchin possibilita observar a organização atual das relações, a distribuição de papéis e os limites estabelecidos entre o casal e os demais membros da família, Bowen permite investigar a influência das experiências familiares anteriores e a continuidade de padrões emocionais ao longo das gerações. Essa distinção não significa que as abordagens sejam incompatíveis, mas que oferecem diferentes possibilidades de compreensão dos fenômenos relacionais.

Essa complementaridade torna-se especialmente relevante diante dos desafios da conjugalidade contemporânea. Sob a perspectiva estrutural, conflitos podem ser examinados considerando a organização do subsistema conjugal, as fronteiras e as dificuldades de negociação entre os parceiros. Pela perspectiva boweniana, também é possível compreender como experiências das famílias de origem, dificuldades de diferenciação e processos de triangulação podem participar da manutenção de tensões conjugais. O estudo de Martins, Rabinovich e Silva (2008), ao analisar a dinâmica de um casal a partir da teoria de Bowen,

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

ilustra como questões emocionais e padrões relacionais vinculados às famílias de origem podem repercutir na construção da relação conjugal.

Desse modo, a articulação entre Minuchin e Bowen amplia a compreensão da conjugalidade ao considerar tanto a organização das interações presentes quanto os processos emocionais e multigeracionais que atravessam a história dos parceiros. Essa leitura permite compreender o casal não apenas a partir dos conflitos manifestos, mas também das estruturas relacionais, dos vínculos familiares e dos contextos que participam da construção e da manutenção da relação.

A compreensão sistêmica também considera as diferentes etapas do ciclo de vida familiar. A formação do casal, a chegada dos filhos, mudanças profissionais, perdas, adoecimentos e outras transições exigem reorganizações nos papéis e nas formas de interação. Carter, McGoldrick e Garcia-Preto (2011) destacam que os processos familiares devem ser compreendidos em relação às transições vivenciadas ao longo do ciclo de vida, considerando as demandas próprias de cada etapa.

Nesse sentido, a conjugalidade constitui uma construção dinâmica. O casal desenvolve regras, acordos, expectativas e formas de enfrentamento que podem ser modificados diante das transformações vivenciadas. A relação, portanto, não se mantém estática, mas é continuamente reorganizada de acordo com as experiências dos parceiros e com as condições familiares e sociais que atravessam sua trajetória.

Na perspectiva sistêmica, a terapia de casal constitui um espaço de compreensão dos padrões relacionais que participam da construção e da manutenção dos conflitos conjugais. O foco da intervenção não se restringe às características individuais de cada parceiro, mas considera a maneira como ambos participam das interações, atribuem significados às experiências e respondem às manifestações emocionais presentes na relação. Dessa forma, a dificuldade apresentada por um dos cônjuges é examinada também em seu contexto relacional, sem desconsiderar as experiências e responsabilidades individuais.

A avaliação inicial ocupa lugar importante nesse processo, pois permite conhecer a demanda apresentada, a história da relação, as expectativas dos parceiros e os padrões de interação que acompanham os conflitos. Na abordagem estrutural de Minuchin (1974), a compreensão do funcionamento familiar considera a organização dos subsistemas, as fronteiras e as formas de interação, permitindo examinar como esses elementos participam da manutenção das dificuldades conjugais.

O processo terapêutico pode envolver encontros conjuntos e, quando necessário, momentos individuais de avaliação, conforme a demanda e as condições clínicas identificadas.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Durante as sessões, o terapeuta acompanha as narrativas dos parceiros, observa suas formas de comunicação, identifica sequências recorrentes de interação e investiga os significados atribuídos às situações vivenciadas. A frequência, a duração e a organização dos atendimentos dependem do serviço, do referencial clínico adotado, das necessidades do casal e da avaliação profissional, não sendo adequado estabelecer um modelo único para todas as situações.

A atuação do terapeuta sistêmico envolve favorecer a observação dos padrões relacionais e ampliar as possibilidades de compreensão entre os parceiros. Elkaïm (1986), ao apresentar uma proposta de terapia de casal fundamentada no pensamento sistêmico, destaca a importância de considerar o encontro entre as diferentes representações de mundo dos integrantes do sistema. Nessa perspectiva, o profissional não ocupa o lugar de alguém que determina unilateralmente quem está certo ou errado, mas participa da construção de novas possibilidades de compreensão da relação. Essa postura requer atenção às experiências individuais, aos significados atribuídos pelos parceiros e aos efeitos que suas interações produzem no vínculo conjugal.

Entre os aspectos que podem ser trabalhados no acompanhamento estão as dificuldades de comunicação, os conflitos recorrentes, as expectativas em relação ao relacionamento, a intimidade emocional, a sexualidade, as experiências das famílias de origem e as mudanças ocorridas ao longo do ciclo de vida do casal. A intervenção busca favorecer a compreensão dessas dimensões e examinar como se relacionam com os padrões de interação estabelecidos. Assim, o objetivo terapêutico não deve ser entendido exclusivamente como a preservação do casamento, mas como a ampliação da compreensão, da autonomia e das possibilidades de decisão dos envolvidos, considerando suas condições emocionais e relacionais.

A literatura também indica que a terapia de casal exige atenção às situações em que os conflitos envolvem violência, coerção, intimidação ou ameaça à integridade de um dos parceiros. Razera et al. (2018), em revisão integrativa sobre a terapia de casal em contextos de violência conjugal, identificaram diferentes demandas e divergências quanto à realização do atendimento conjunto ou separado. Os autores destacam que as manifestações de violência não são homogêneas e que intervenções semelhantes não podem ser aplicadas indistintamente a todos os casos. Desse modo, a avaliação deve considerar a existência de medo, assimetria de poder, risco de novas agressões e condições de segurança dos envolvidos.

A discussão sobre a prática clínica também precisa considerar que os resultados da terapia não se resumem à continuidade da união. Em determinadas situações, o processo pode contribuir para a reorganização da convivência; em outras, pode favorecer decisões

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

relacionadas à separação, à proteção individual e à construção de novas formas de relacionamento. Carr (2025), ao revisar as evidências sobre intervenções sistêmicas para problemas relacionais e outras demandas que afetam adultos, destaca a contribuição dessas intervenções para diferentes dificuldades, reforçando a importância de considerar a natureza da demanda e as condições específicas de cada caso.

Dessa maneira, a terapia de casal, fundamentada na perspectiva sistêmica, busca compreender a conjugalidade em sua complexidade, considerando os padrões de interação, as experiências individuais, as histórias familiares e os contextos sociais que atravessam a relação. O acompanhamento psicológico não se orienta por uma finalidade única ou previamente determinada, mas pela avaliação das necessidades dos parceiros e pela construção de possibilidades que favoreçam a saúde emocional, a segurança e a autonomia dos envolvidos.

Assim, a Psicologia Sistêmica Familiar contribui para compreender a conjugalidade como um fenômeno relacional e contextual. O casal é simultaneamente constituído por histórias individuais e familiares e produtor de uma nova organização relacional. Essa perspectiva permite compreender os conflitos e as transformações conjugais dentro de uma rede de relações mais ampla, evitando reduzi-los exclusivamente às características de um dos parceiros. Em vez de buscar culpados, a abordagem sistêmica procura compreender o funcionamento da relação, favorecer a diferenciação e construir novas formas de convivência. Assim, a conjugalidade deixa de ser vista como um simples ajuste entre duas individualidades e passa a ser entendida como um processo relacional complexo, dinâmico e permanentemente influenciado pela família de origem e pelo contexto social.

1.2. Desafios contemporâneos da conjugalidade

1.2.1. Comunicação e conflitos na relação conjugal

A comunicação ocupa uma posição central na organização da vida conjugal. Guedes (2008, p. 7) afirma que “se a comunicação se torna difícil, [...] o relacionamento do casal entrou em crise”. A autora destaca, ainda, que a interrupção da comunicação pode levar ao distanciamento dos parceiros, fazendo com que o diálogo se restrinja, muitas vezes, a questões estritamente necessárias. Para Van Pelt (2018, p. 45), “simplesmente falar não significa que esteja havendo comunicação”; trata-se do ato recíproco de falar e ouvir, e a autora ainda acrescenta um terceiro elemento: a compreensão. Assim, falar, ouvir e compreender constituem uma tríade fundamental para uma comunicação conjugal efetiva.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Na perspectiva sistêmica, o comportamento de cada membro influencia e é influenciado pelo comportamento do outro. Assim, conflitos recorrentes podem constituir padrões circulares de interação, nos quais as respostas de um parceiro contribuem para a manutenção das respostas do outro. Essa compreensão permite superar interpretações lineares que procuram identificar exclusivamente quem está “certo” ou “errado” dentro da relação, considerando o conflito como parte de uma dinâmica relacional construída entre os parceiros (COSTA et al., 2017).

A comunicação inadequada pode favorecer o desenvolvimento de ciclos repetitivos de conflito. Críticas constantes, dificuldades de escuta, acusações, silêncio prolongado e incapacidade de expressar necessidades emocionais podem comprometer a qualidade da relação. Na literatura sobre conflitos conjugais, estratégias de comunicação, empatia, apoio mútuo e confiança aparecem como elementos relevantes para o enfrentamento e a resolução dos conflitos (COSTA et al., 2017).

Dessa forma, o fortalecimento da comunicação conjugal envolve não apenas aprender a falar, mas também desenvolver a capacidade de escuta, reconhecer as necessidades do outro e construir formas mais funcionais de negociação. A qualidade das interações constitui um aspecto relevante da dinâmica conjugal, podendo contribuir para o enfrentamento dos conflitos e para o fortalecimento do vínculo entre os parceiros.

1.2.2. Intimidade emocional e a construção do vínculo

A intimidade emocional está relacionada à capacidade dos parceiros de reconhecer, expressar e compartilhar emoções no contexto da relação conjugal. Trindade e Camilo (2021) destacam que as emoções possuem importante função comunicativa e relacional, contribuindo para a aproximação e a manutenção dos vínculos. As autoras apontam que a partilha social de emoções pode favorecer o alívio emocional, a regulação das emoções, o apoio mútuo e o fortalecimento da relação, sendo a qualidade dessa partilha associada à satisfação conjugal. Dessa forma, a possibilidade de compartilhar sentimentos e encontrar no parceiro uma resposta de compreensão e apoio constitui um elemento importante para a construção da intimidade emocional e do vínculo conjugal.

Alves (2022, p. 14), ao abordar os estudos de Pavel Goldstein, destaca que “o ato de segurar a mão da pessoa amada quando estiver sentindo dor é capaz de trazer alívio”. Segundo a autora, esse efeito estaria relacionado à sincronicidade entre os parceiros, envolvendo frequências cardíaca e respiratória e ondas cerebrais. Na conjugalidade, esse achado evidencia a importância da proximidade e do suporte afetivo, demonstrando que a presença do outro pode

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

assumir significado na experiência de segurança, cuidado e vínculo emocional. Trindade e Camilo (2021) ressaltam que a partilha emocional ocorre na relação com o outro e depende da resposta recebida, podendo repercutir na satisfação conjugal e no fortalecimento ou enfraquecimento dos vínculos.

Nesse sentido, Rolland (1994, citado por Li e Johnson, 2018) destaca que, diante do adoecimento de um dos parceiros, os casais precisam reorganizar seus papéis, regras familiares e formas de cuidado. Essas mudanças podem desafiar o equilíbrio emocional e a autonomia dos cônjuges, exigindo diálogo, flexibilidade e cooperação. Assim, a intimidade emocional não se limita à proximidade afetiva, mas também envolve a capacidade de construir respostas compartilhadas diante das situações de sofrimento e transformação. O casal precisa, portanto, desenvolver formas de convivência que permitam a existência do "nós" sem a anulação completa do "eu".

Essa discussão aproxima-se das contribuições de Bowen (1978) sobre a diferenciação do *self*. Para o autor, o desenvolvimento da capacidade de manter a própria identidade emocional enquanto se estabelece proximidade com outras pessoas constitui um aspecto importante das relações humanas. Nas relações conjugais, dificuldades relacionadas à diferenciação podem contribuir para padrões de dependência emocional, afastamento ou conflitos intensos.

Carter, McGoldrick e Garcia-Preto (2011) destacam a importância dos processos familiares e do ciclo de vida para a compreensão das transformações vivenciadas pelos indivíduos e pelas famílias. A conjugalidade está inserida em diferentes transições e etapas, exigindo reorganizações diante de acontecimentos como a formação do casal, a chegada dos filhos, mudanças profissionais e outras experiências que podem modificar a dinâmica relacional.

Portanto, a intimidade emocional não deve ser compreendida como uma condição permanente e imutável. Ela é construída e reconstruída ao longo da trajetória conjugal, sendo atravessada pela história individual dos parceiros, pelas experiências de suas famílias de origem e pelas transformações vivenciadas no contexto social e familiar (BITTENCOURT et al., 2016; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010).

1.2.3. Sexualidade na relação conjugal

A sexualidade representa outra dimensão relevante para a compreensão das relações conjugais. Para Melo e Carvalho (2021, p. 46), a satisfação sexual é apresentada em articulação com aceitação mútua, apreciação, comunicação, respeito e confiança. A mesma obra ressalta que o ajuste sexual após o casamento pode exigir tempo, compreensão,

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

paciência, experiência e diálogo, considerando que os parceiros podem apresentar diferenças quanto ao desejo e à frequência das relações, sendo inadequado transformar números em regras universais para todos os casais.

A sexualidade humana constitui um fenômeno complexo que envolve dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais. No contexto das relações conjugais, assume papel relevante na construção da intimidade e no fortalecimento do vínculo entre os parceiros. Sua vivência não se limita ao ato sexual em si, mas envolve aspectos emocionais, afetivos e simbólicos que contribuem para a qualidade da relação conjugal. De acordo com os estudos desenvolvidos por William H. Masters e Virginia E. Johnson (1970), pioneiros na investigação científica da resposta sexual humana, a experiência sexual envolve processos fisiológicos que também se relacionam a aspectos psicológicos e interpessoais.

Esses autores contribuíram para a compreensão das fases da resposta sexual, demonstrando a importância dos processos fisiológicos envolvidos na experiência sexual humana. Entretanto, a vivência da sexualidade não pode ser reduzida a uma sequência de respostas corporais, uma vez que também é atravessada pelas experiências emocionais e relacionais dos indivíduos. Nesse sentido, a comunicação, a confiança e o apoio emocional constituem aspectos importantes para a experiência de intimidade entre os parceiros.

Pesquisas mais recentes reforçam essa compreensão. Mallory (2022), em uma metanálise que reuniu 93 estudos e 38.499 participantes, identificou associações positivas entre a comunicação sexual, a satisfação sexual e a satisfação no relacionamento. O estudo destacou que a qualidade da comunicação apresenta associação mais expressiva com essas dimensões do que a frequência das conversas ou a simples exposição de informações pessoais sobre a sexualidade. Esses resultados evidenciam a importância do diálogo entre os parceiros na construção de uma vivência sexual satisfatória.

Na mesma direção, Park et al. (2023), ao analisarem dados longitudinais de casais recém-casados, identificaram que mudanças na satisfação sexual prediziam mudanças futuras na satisfação com o relacionamento. Os resultados também indicaram que a qualidade da experiência sexual apresenta relevância que não deve ser confundida com a frequência das relações. Assim, a satisfação sexual deve ser compreendida considerando as necessidades, experiências e percepções de ambos os parceiros.

Busby, Hanna-Walker e Leavitt (2022), por sua vez, propuseram o modelo de integralidade sexual, considerando dimensões físicas, emocionais e de significado na vivência da sexualidade conjugal. Os resultados de duas amostras, com 610 e 884 participantes, demonstraram associações entre essas dimensões, a satisfação sexual e a satisfação no

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

relacionamento, destacando a relevância dos aspectos emocionais na experiência da intimidade. Essa compreensão contribui para ampliar a análise da sexualidade para além dos aspectos exclusivamente fisiológicos.

A compreensão da sexualidade dentro da conjugalidade exige, portanto, considerar o contexto relacional no qual ela está inserida. Cardoso e Cardoso (2012, p. 208) apresentam a vida sexual como uma dimensão importante para a proteção e o fortalecimento do casamento, relacionando-a à intimidade, à comunicação afetiva e à integração entre os parceiros. Nessa perspectiva, a sexualidade constitui uma forma de expressão de sentimentos e de aproximação, cuja experiência pode ser influenciada pela qualidade do vínculo estabelecido pelo casal.

Van Pelt (2018, p. 93) também destaca a relação entre autoimagem e resposta sexual feminina, apontando que conflitos não resolvidos, ressentimentos, desinformação, cansaço, dificuldades de comunicação e inseguranças emocionais podem interferir na vivência da intimidade. Embora essas condições não produzam os mesmos efeitos em todas as pessoas, sua consideração permite compreender que a sexualidade está relacionada às experiências subjetivas e ao contexto emocional no qual o casal está inserido.

Na perspectiva sistêmica, a sexualidade não pode ser compreendida de forma isolada dos demais processos relacionais do casal. Trombetta e Hintz (2020) apontam uma relação de retroalimentação entre a satisfação sexual e o fortalecimento do vínculo, destacando que a segurança emocional e a conexão entre os parceiros favorecem a vivência da sexualidade. Essa compreensão dialoga com os estudos contemporâneos que identificam associações entre comunicação, intimidade, satisfação sexual e qualidade conjugal. Assim, a sexualidade constitui uma dimensão relevante da dinâmica do casal, sendo influenciada e, simultaneamente, capaz de repercutir nos processos emocionais e relacionais que organizam a vida a dois.

1.2.4. A espiritualidade, sentido e relação conjugal

A espiritualidade também pode constituir uma dimensão importante na experiência conjugal, especialmente quando relacionada à construção de significados, valores e propósitos compartilhados. É importante diferenciá-la da religiosidade institucional, pois a espiritualidade pode estar relacionada à busca individual e coletiva por sentido e significado na vida, enquanto a religiosidade envolve crenças, práticas e vínculos associados a tradições religiosas.

Alves (2022) destaca a contribuição da espiritualidade para a construção de sentido na vida e para a maneira como o indivíduo enfrenta suas dificuldades. Na conjugalidade, essa dimensão pode favorecer a atribuição de significado às experiências compartilhadas,

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

influenciando a forma como o casal enfrenta conflitos, toma decisões e constrói sentidos para a vida a dois.

Para Van Pelt (2018, p. 153), a vivência da dimensão espiritual pode fortalecer o relacionamento matrimonial. A autora apresenta a oração conjunta, a meditação e a leitura bíblica como práticas que podem contribuir para a aproximação dos parceiros e para o fortalecimento da união. Essa compreensão é especialmente significativa para casais cristãos que compartilham a fé e reconhecem nessas práticas uma forma de cultivar a intimidade espiritual e os valores que orientam a vida conjugal.

A autora também aborda as diferenças religiosas entre os parceiros, destacando possíveis dificuldades enfrentadas por casais de fé distinta. Entretanto, essas diferenças não devem ser compreendidas como determinantes de conflitos ou insatisfação conjugal, uma vez que fatores como comunicação, respeito, flexibilidade e negociação de valores também participam da construção da relação.

Essa compreensão encontra respaldo em pesquisas contemporâneas. Provencio e McElroy-Heltzel (2025), ao investigarem 130 casais inter-religiosos, identificaram associações entre recursos espirituais, compromisso, ajustamento conjugal e formas de enfrentamento dos conflitos. Os resultados demonstram que, embora as diferenças de crenças possam representar desafios, recursos individuais e relacionais também podem favorecer a qualidade dos relacionamentos.

Na mesma direção, Hoffmann e Costa (2019), em revisão sistemática da literatura, identificaram que a religiosidade e a espiritualidade podem atuar tanto como recursos quanto como desafios para a conjugalidade. Os autores associaram essas dimensões à satisfação conjugal e à capacidade de resolução de conflitos, ressaltando que diferenças religiosas e posturas rígidas em relação às crenças e práticas podem gerar tensões entre os parceiros. Dessa forma, destacam a importância de compreender as particularidades religiosas e espirituais de cada casal.

É importante destacar que a espiritualidade não deve ser compreendida como uma exigência universal para a manutenção dos relacionamentos, uma vez que os casais apresentam diferentes crenças, valores e formas de atribuir significado à vida conjugal. Dessa forma, a oração e a leitura bíblica podem ser consideradas práticas relevantes para casais cristãos que compartilham essa orientação religiosa, enquanto outros casais podem construir sua intimidade e seus valores relacionais a partir de diferentes referências culturais, filosóficas ou pessoais.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Na perspectiva sistêmica, portanto, a espiritualidade e a religiosidade constituem dimensões que podem influenciar a dinâmica conjugal, considerando os valores, as crenças, as experiências individuais e os significados compartilhados pelos parceiros. Assim, para alguns casais, a fé, a oração e a leitura bíblica podem integrar os recursos utilizados na construção e manutenção da conjugalidade, enquanto outros encontram sentido e sustentação no relacionamento por meio de referências não religiosas ou de diferentes tradições culturais e espirituais.

1.2.5. Transformações sociais e tecnológicas na conjugalidade contemporânea

Além das dimensões relacionais discutidas anteriormente, a conjugalidade contemporânea é atravessada por transformações sociais e econômicas que podem repercutir na organização da vida a dois. Desemprego, instabilidade financeira e divergências relacionadas ao manejo do dinheiro podem constituir fontes de tensão e exigir reorganização das responsabilidades conjugais. Cenci et al. (2017), em uma revisão sistemática sobre dinheiro e conjugalidade, identificaram relações entre dificuldades financeiras, conflitos e satisfação conjugal, destacando que o manejo dos recursos financeiros também envolve aspectos afetivos e relacionais.

A violência constitui outro importante desafio para as relações conjugais. No contexto brasileiro, a Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), reconhece as violências física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Estudos sobre violência conjugal destacam que essas manifestações podem envolver agressões verbais, humilhações, desvalorização, controle e outras formas de violação que comprometem a autonomia e a segurança dos parceiros (LEVY; GOMES, 2008; RAZERA et al., 2018). Dessa forma, a violência não deve ser reduzida à agressão física, uma vez que diferentes manifestações podem atravessar a dinâmica conjugal.

É necessário, entretanto, distinguir conflitos conjugais de situações de violência e controle coercitivo. Enquanto os conflitos podem envolver divergências e dificuldades de negociação entre os parceiros, a violência envolve comportamentos de agressão, intimidação, dominação ou controle que comprometem a liberdade e a segurança de uma das partes. Nesse contexto, a compreensão sistêmica dos relacionamentos não significa atribuir responsabilidade compartilhada pela violência, tampouco desconsiderar a responsabilidade individual de quem pratica a agressão. A identificação dessas situações exige atenção à proteção da pessoa em situação de violência, às medidas legais cabíveis e aos encaminhamentos necessários.

As tecnologias digitais também passaram a ocupar espaço significativo na rotina dos casais. Cardoso e Cardoso (2012, p. 26) discutem a presença das redes sociais na dinâmica

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

conjugal, chamando atenção para situações envolvendo contatos, mensagens e comportamentos capazes de gerar desconfiança e conflitos entre os parceiros. Embora os dados apresentados pelos autores correspondam ao contexto do período em que a obra foi publicada, a discussão evidencia que as redes sociais passaram a constituir uma dimensão a ser considerada na construção dos limites, da confiança e da privacidade dentro do casamento.

Mais recentemente, Pereira e Cenci (2023), ao investigarem o papel do smartphone no ciclo vital conjugal, identificaram que o dispositivo pode participar tanto de experiências de aproximação quanto de situações de distanciamento entre os parceiros. Em pesquisa posterior, Pereira, Cenci e Cavanus (2025), envolvendo dez casais, observaram que divergências sobre o uso do smartphone podem expressar conflitos conjugais não resolvidos ou encobrir dificuldades relacionadas às diferentes etapas do ciclo vital. Os autores também identificaram que acordos sobre o uso do aparelho e o compartilhamento de atividades digitais podem favorecer estratégias construtivas de resolução de conflitos.

Além dessas questões, as tecnologias podem ser utilizadas como instrumentos de vigilância e controle nas relações afetivas, por meio do monitoramento de localização, acesso não autorizado a mensagens, exigência de senhas, acompanhamento de atividades nas redes sociais e utilização de aplicativos para observar a rotina do parceiro. Kim e Ferraresso (2023), em uma revisão sistemática de 31 estudos, analisaram manifestações da violência por meio das tecnologias nas relações íntimas. De maneira complementar, Rogers et al. (2023), em uma revisão de escopo, identificaram diferentes formas de abuso facilitadas pela tecnologia, incluindo vigilância digital, uso indevido de dispositivos e controle das atividades realizadas em ambientes virtuais. Essas práticas podem ultrapassar os limites de um conflito relacionado ao uso das redes sociais, configurando formas de violência e violação da privacidade.

Dados do relatório Digital 2024, elaborado pela DataReportal (DATAREPORTAL, 2024), indicaram que os brasileiros utilizavam redes sociais por uma média diária de 3 horas e 37 minutos, considerando usuários de internet entre 16 e 64 anos. Embora esse dado não represente exclusivamente o uso das redes sociais pelos casais, permite refletir sobre a distribuição do tempo e da atenção entre a vida digital e a convivência presencial. Assim, mais do que a presença da tecnologia, torna-se relevante compreender a maneira como ela é incorporada à rotina e negociada pelos parceiros.

Nesse sentido, as transformações econômicas, sociais e tecnológicas ampliam os desafios vivenciados na conjugalidade contemporânea. Sob a perspectiva sistêmica, essas mudanças são compreendidas em relação aos padrões de interação estabelecidos pelo casal e ao contexto familiar, social e cultural no qual a relação está inserida. Entretanto, essa

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

compreensão deve considerar as desigualdades de poder e as situações de violência, sem relativizar a responsabilidade de quem agride. Assim, a construção e a manutenção da conjugalidade envolvem comunicação, negociação, flexibilidade e adaptação às mudanças, preservando simultaneamente a individualidade, a segurança e o vínculo conjugal (BOWEN, 1978; MINUCHIN, 1982).

2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-analítico, desenvolvida por meio de uma revisão narrativa da literatura. Conforme Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, especialmente livros e artigos científicos, permitindo ao pesquisador reunir e analisar diferentes contribuições sobre determinado fenômeno.

A abordagem qualitativa, segundo Minayo (2014), possibilita compreender significados, relações e aspectos da realidade que não se reduzem à mensuração quantitativa. Nesse sentido, mostra-se adequada aos objetivos deste estudo, uma vez que busca compreender a conjugalidade contemporânea a partir de seus aspectos relacionais, familiares e socioculturais.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu ao longo do nono e do décimo períodos do curso de Psicologia, mediante consultas a livros clássicos e publicações mais recentes, artigos científicos e materiais disponíveis em diferentes periódicos acadêmicos. O levantamento bibliográfico contemplou publicações localizadas em plataformas de divulgação científica, como SciELO e PePSIC, além de artigos publicados em outras revistas científicas nacionais e internacionais. A seleção do material considerou sua pertinência em relação ao tema e aos objetivos do estudo, buscando articular a fundamentação clássica da Psicologia Sistêmica da Família com pesquisas e discussões contemporâneas sobre a conjugalidade.

Entre os principais autores utilizados estão Minuchin (1974), Bowen (1978), Sanchez (2012), Scorsolini-Comin e Santos (2010), Bittencourt et al. (2016), Costa et al. (2017), Trindade e Camilo (2021), Hoffmann e Costa (2019) e Pereira e Cenci (2023).

A análise do material ocorreu de forma descritivo-analítica e interpretativa, buscando identificar e discutir aspectos relacionados à comunicação, aos conflitos, à intimidade emocional, à sexualidade, à espiritualidade e às transformações sociais e tecnológicas que atravessam a conjugalidade contemporânea. As obras clássicas foram utilizadas como fundamentação conceitual da perspectiva sistêmica, enquanto as publicações mais recentes contribuíram para o diálogo com as questões atuais das relações conjugais.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Por se tratar de uma revisão narrativa, a análise foi conduzida de maneira interpretativa, considerando a relevância teórica e científica das publicações selecionadas e sua contribuição para os objetivos do estudo. Dessa forma, buscou-se articular os fundamentos da Psicologia Sistêmica da Família com as discussões contemporâneas sobre a conjugalidade, construindo uma compreensão dos aspectos relacionais, emocionais e socioculturais que influenciam a dinâmica dos casais na atualidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura evidenciou que a conjugalidade contemporânea é atravessada por diferentes fatores relacionais, familiares e socioculturais. Sob a perspectiva sistêmica, tais aspectos não devem ser compreendidos isoladamente, pois participam de padrões de interação que influenciam a dinâmica do casal. Os estudos analisados apresentam diferentes contribuições, mas convergem ao reconhecer que a qualidade das relações conjugais está relacionada tanto às experiências individuais quanto às formas de interação estabelecidas entre os parceiros e ao contexto em que estão inseridos.

No que se refere à comunicação e aos conflitos, Costa et al. (2017) destacam a importância da comunicação, da empatia, do apoio mútuo e da confiança para o enfrentamento dos conflitos conjugais. Esses aspectos permitem compreender que dificuldades de escuta, críticas, acusações e afastamento podem participar da manutenção de padrões repetitivos de interação. Na perspectiva sistêmica, a reação de um parceiro pode influenciar a resposta do outro, formando ciclos relacionais que intensificam as dificuldades. Dessa maneira, a compreensão dos conflitos exige observar não apenas os comportamentos individuais, mas também as sequências de interação construídas pelo casal.

A intimidade emocional também se apresenta como elemento importante para a construção e a manutenção do vínculo. Trindade e Camilo (2021) apontam que a partilha social das emoções está relacionada à resposta recebida pelo parceiro e pode repercutir na satisfação conjugal. Bittencourt et al. (2016), por sua vez, destacam a influência das famílias de origem na construção da conjugalidade. Esses achados permitem compreender que a intimidade envolve tanto a capacidade de expressar sentimentos quanto a maneira como cada parceiro acolhe as experiências emocionais do outro, considerando as histórias individuais e familiares que participam da relação.

Quanto à sexualidade, os estudos analisados ampliam a compreensão dessa dimensão para além dos aspectos fisiológicos e da frequência das relações. Mallory (2022), em

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

metanálise de 93 estudos, identificou associações positivas entre comunicação sexual, satisfação sexual e satisfação no relacionamento. Park et al. (2023), ao acompanharem casais recém-casados, observaram que mudanças na satisfação sexual prediziam mudanças futuras na satisfação com o relacionamento. Busby, Hanna-Walker e Leavitt (2022), por sua vez, propuseram um modelo que considera dimensões físicas, emocionais e de significado na experiência sexual. Em conjunto, essas contribuições reforçam a importância de compreender a sexualidade considerando a comunicação, as experiências emocionais e os significados construídos pelos parceiros. Sob a perspectiva sistêmica, essa dimensão encontra-se articulada aos demais processos relacionais que organizam a vida conjugal.

A espiritualidade também pode participar da experiência conjugal, especialmente quando relacionada aos valores, às crenças e aos significados compartilhados. Provencio e McElroy-Heltzel (2025) identificaram associações entre recursos espirituais e aspectos da qualidade dos relacionamentos em casais inter-religiosos. Hoffmann e Costa (2019), em revisão sistemática, também identificaram associações entre religiosidade, espiritualidade e aspectos das relações conjugais, incluindo satisfação e enfrentamento de conflitos. Entretanto, diferenças de crenças e posturas rígidas podem constituir fontes de tensão, indicando que a influência dessa dimensão depende da maneira como é vivenciada e negociada pelos parceiros. Assim, a espiritualidade pode representar um recurso para alguns casais, mas não deve ser considerada uma condição universal para a qualidade ou a manutenção dos relacionamentos.

Entre os desafios contemporâneos, destacam-se ainda as questões financeiras, a violência e as transformações tecnológicas. Cenci et al. (2017) relacionam dificuldades financeiras e conflitos conjugais, demonstrando que o manejo do dinheiro também envolve aspectos afetivos e relacionais. Levy e Gomes (2008) e Razera et al. (2018) abordam diferentes manifestações da violência nas relações conjugais, ressaltando a necessidade de reconhecer situações que ultrapassam divergências cotidianas e comprometem a segurança e a autonomia de um dos parceiros. Nesse contexto, a compreensão sistêmica dos relacionamentos não deve ser confundida com a atribuição de responsabilidade compartilhada pela violência.

No campo tecnológico, Pereira e Cenci (2023) apontam que o smartphone pode participar tanto de experiências de aproximação quanto de distanciamento entre os parceiros. Pereira, Cenci e Cavanus (2025) também identificaram que divergências sobre o uso do aparelho podem expressar dificuldades relacionais e conflitos conjugais. Além disso, Kim e Ferraresso (2023) e Rogers et al. (2023) discutem manifestações de violência facilitadas pelas tecnologias, incluindo vigilância digital e controle das atividades realizadas em ambientes

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

virtuais. Esses estudos permitem distinguir situações de desacordo sobre o uso dos dispositivos de práticas de monitoramento e controle que violam a privacidade e a liberdade do parceiro.

Em conjunto, os estudos demonstram que a conjugalidade contemporânea envolve dimensões que se articulam continuamente. Comunicação, intimidade emocional, sexualidade, espiritualidade, condições econômicas, violência e tecnologias digitais participam de diferentes formas da experiência conjugal. A perspectiva da Psicologia Sistêmica Familiar contribui para interpretar esses aspectos considerando os padrões de interação, as histórias familiares e os contextos socioculturais nos quais os casais estão inseridos. Por se tratar de uma revisão narrativa, essas contribuições constituem uma síntese interpretativa da literatura consultada, não representando comprovação de relações causais ou da eficácia de intervenções específicas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu compreender que a conjugalidade contemporânea constitui uma experiência dinâmica, atravessada por processos relacionais, familiares e socioculturais. Os desafios presentes na vida a dois não podem ser compreendidos exclusivamente a partir das características individuais dos parceiros, uma vez que os padrões de interação estabelecidos pelo casal e as experiências provenientes das famílias de origem participam da construção e da transformação da relação.

A perspectiva da Psicologia Sistêmica Familiar mostrou-se relevante para essa compreensão ao considerar a circularidade das interações, os subsistemas familiares, as fronteiras, a diferenciação, os processos de triangulação e a influência das experiências familiares ao longo das gerações. Essa abordagem permite compreender o casal dentro de uma rede de relações e contextos, ampliando a análise dos fenômenos conjugais.

A literatura analisada também evidenciou diferentes desafios contemporâneos. Comunicação, conflitos, intimidade emocional, sexualidade, espiritualidade, condições econômicas, violência e tecnologias digitais constituem dimensões que podem se articular na experiência conjugal. Esses elementos não devem ser analisados isoladamente, pois podem influenciar-se mutuamente e participar da organização dos padrões relacionais. Nesse sentido, o estudo contribuiu para reunir e articular essas dimensões à compreensão sistêmica da conjugalidade, destacando a importância das histórias familiares, das interações entre os parceiros e das transformações sociais na construção dos vínculos.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

É importante reconhecer, entretanto, que o caráter bibliográfico e narrativo da pesquisa constitui uma limitação, uma vez que a análise se baseou em publicações já existentes, sem investigação direta com casais ou acompanhamento de processos terapêuticos. Assim, as associações e contribuições identificadas na literatura permitem ampliar a compreensão dos fenômenos conjugais, mas não autorizam afirmar a eficácia de intervenções terapêuticas específicas. Da mesma forma, a perspectiva sistêmica não pressupõe que todos os conflitos possam ser solucionados por sua aplicação, nem que a manutenção do relacionamento seja necessariamente o objetivo de um processo terapêutico.

Conclui-se, portanto, que os desafios contemporâneos da conjugalidade não representam fenômenos exclusivamente individuais, mas processos que se constituem na interação entre os parceiros, suas histórias familiares e os contextos nos quais estão inseridos. A Psicologia Sistêmica Familiar oferece uma contribuição relevante para compreender essa complexidade, favorecendo a análise dos padrões relacionais e das possibilidades de transformação dos vínculos conjugais, sem desconsiderar as particularidades de cada relação e os limites de sua atuação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rosana. *Revolucione seu futuro: como chegar ao topo da carreira profissional*. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022.

BITTENCOURT, Lilia Maria; SALDAÑA, Marcelino Flores; MORENO, Mariza; DIAS, Monica de Vasconcellos. Mapeando as influências da família de origem na construção da conjugalidade: questões para a terapia de casal. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*, v. 6, n. 1, 2016. DOI: 10.60114/rbtf.v6i1.103.

BOWEN, Murray. *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson, 1978.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2006.

BUSBY, Dean M.; HANNA-WALKER, Veronica R.; LEAVITT, Chelom E. The sexual wholeness model: an initial evaluation with two samples. *Journal of Marital and Family Therapy*, v. 48, n. 2, p. 643–664, 2022. DOI: 10.1111/jmft.12529.

CARDOSO, Renato; CARDOSO, Cristiane. *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

CARR, Alan. Couple therapy and systemic interventions for adult-focused problems: the evidence base. *Journal of Family Therapy*, v. 47, n. 1, e12481, 2025. DOI: 10.1111/1467-6427.12481.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica; GARCIA-PRETO, Nydia (ed.). *The expanded family life cycle: individual, family, and social perspectives*. 4. ed. Boston: Allyn & Bacon, 2011.

CENCI, Cláudia Mara Bosetto; BONA, Camila Scomazzon; CRESTANI, Pamela Letícia; HABIGZANG, Luisa Fernanda. Dinheiro e conjugalidade: uma revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 385–399, 2017. DOI: 10.9788/TP2017.1-20.

COSTA, Crístofer Batista da; DELATORRE, Marina Zanella; WAGNER, Adriana; MOSMANN, Clarisse Pereira. Terapia de casal e estratégias de resolução de conflito: uma revisão sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 37, n. 1, p. 208–223, 2017. DOI: 10.1590/1982-3703000622016.

DATAREPORTAL. *Digital 2024: Brazil*. 2024. Disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil. Acesso em: 3 nov. 2026.

ELKAÏM, Mony. A systemic approach to couple therapy. *Family Process*, v. 25, n. 1, p. 35–42, 1986. DOI: 10.1111/j.1545-5300.1986.00035.x.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GUEDES, Meibel Mello. *Quem ama ensina*. 2. ed. Curitiba, PR: M. M. Guedes & Cia. Ltda. ME, 2008.

HOFFMANN, Eduardo Friederichs; COSTA, Crístofer Batista da. Associações entre religiosidade-espiritualidade e as relações conjugais: estudo de revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 12, n. 2, p. 533–559, 2019. DOI: 10.4013/ctc.2019.122.07.

KIM, Chunrye; FERRARESSO, Riccardo. Examining technology-facilitated intimate partner violence: a systematic review of journal articles. *Trauma, Violence, & Abuse*, v. 24, n. 3, p. 1325–1343, 2023. DOI: 10.1177/15248380211061402.

LEVY, Lídia; GOMES, Isabel Cristina. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 163–172, 2008.

LI, Pei-Fen; JOHNSON, Lee N. Couples' depression and relationship satisfaction: examining the moderating effects of demand/withdraw communication patterns. *Journal of Family Therapy*, v. 40, n. S1, p. S63–S85, 2018. DOI: 10.1111/1467-6427.12124.

MALLORY, Allen B. Dimensions of couples' sexual communication, relationship satisfaction, and sexual satisfaction: a meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, v. 36, n. 3, p. 358–371, 2022. DOI: 10.1037/fam0000946.

MARTINS, Elizabeth Medeiros de Almeida; RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Célia Nunes. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 181–197, 2008. DOI: 10.1590/S0103-65642008000200005.

MASTERS, William H.; JOHNSON, Virginia E. *Human sexual inadequacy*. Boston: Little, Brown, 1970.

MELO, Eliane; CARVALHO, Eidiomara. *Conversa íntima*. 5. ed. São Paulo: Laço e Soma, 2021.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
MINUCHIN, Salvador. *Families and family therapy*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1974.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

OTTO, Ana Flávia Nascimento; RIBEIRO, Maria Alexina. Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 79–95, 2020.

PARK, Haeyoung Gideon et al. Sexual satisfaction predicts future changes in relationship satisfaction and sexual frequency: new insights from within-person associations over time. *Personality Science*, v. 4, n. 1, 2023. DOI: 10.5964/ps.11869.

PEREIRA, Ionara dos Santos; CENCI, Cláudia. O papel do smartphone no desenvolvimento do ciclo vital conjugal. *Psi Unisc*, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 2, p. 193–211, 2023. DOI: 10.17058/psiunisc.v7i2.18396.

PEREIRA, Ionara dos Santos; CENCI, Cláudia Mara Bosetto; CAVANUS, Gabriel. Repercussões do uso do smartphone no conflito conjugal. *Vínculo: Revista do NESME*, v. 22, e22007, 2025. DOI: 10.32467/issn.1982-1492v22na7.

PROVENCIO, Alyssa; MCELROY-HELTZEL, Stacey E. The roles of spiritual fortitude and religious orientation in relationship quality for interfaith couples. *Journal of Psychology and Theology*, v. 53, n. 1, p. 55–69, 2025. DOI: 10.1177/00916471241269030.

RAZERA, Josiane; GASPODINI, Icaro Bonamigo; OLIVEIRA, Eduarda Lima de; NEIS, Letícia Ferraz; FALCKE, Denise. Terapia de casal em contextos de violência conjugal: revisão integrativa da literatura. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 197–205, 2018. DOI: 10.4013/ctc.2018.112.05.

ROGERS, Michaela M.; FISHER, Colleen; ALI, Parveen; ALLMARK, Peter; FONTES, Lisa. Technology-facilitated abuse in intimate relationships: a scoping review. *Trauma, Violence, & Abuse*, v. 24, n. 4, p. 2210–2226, 2023. DOI: 10.1177/15248380221090218.

SANCHEZ, Fátima Abad. A família na visão sistêmica. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M. (org.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 38–47.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Sustentabilidade dos afetos: notas sobre a conjugalidade como dimensão de análise da família na contemporaneidade. *Psychologica*, n. 53, p. 259–274, 2010. DOI: 10.14195/1647-8606_53_12.

TRINDADE, Melina Carvalho; CAMILO, Cristina. A partilha social de emoções na conjugalidade e seu impacto na satisfação conjugal. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 93–111, 2021.

TROMBETTA, Paula; HINTZ, Helena Centeno. Presos no cativeiro ou sintonizados na dança?: reflexões acerca da sexualidade do casal contemporâneo. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 176–192, 2020.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

VAN PELT, Nancy; GRÜDTNER, Mirian M. *Felizes no amor: os segredos da vida a dois*. Tradução de Charlotte F. Lessa. 13. ed. atual. e ampl. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.